

O

Mundo Luminoso de Helen Keller

Van Wyck Brooks

Eminente crítico e historiador de literatura

Condensado de "Harper's Magazine"



A história da heróica superação de suas próprias limitações por Helen Keller—ela ficou cega e surda com dois anos de idade—tem sido contada repetidamente. Estas impressões de um seu vizinho lançam nova luz sôbre uma criatura excepcional

NO INVERNO de 1932 fui ver e ouvir Helen Keller atraído por uma curiosidade semelhante à que desperta qualquer pessoa de fama mundial. Sim, porque Helen Keller é famosa desde a idade de dez anos. Mark Twain disse que as duas personalidades mais interessantes do século XIX eram, simplesmente, Napoleão e Helen Keller. Contudo, ali estava ela em St. Augustine, ainda môça em 1932, e lá continua ainda 22 anos depois.

Lembro-me de uma frase que en-

tão pronunciou, referindo-se ao *subway* de Nova York, que "abria as mandíbulas como uma fera imensa". Eu ignorava então até que ponto ia a sua familiaridade, literalmente, com mandíbulas de feras. Não sabia que ela uma vez afagara a bôca de um leão. É verdade que o leão era jovem e fôra bem alimentado de antemão, mas ainda assim Helen entrou corajosamente na jaula, porque a "professôra" dela, como Helen sempre chamou Anne Sullivan, a mulher extraordinária que desenvolveu seu espírito, queria que ela passasse por experiências de tôda a sorte.

Filha de um oficial do Exército do Sul durante a Guerra Civil dos Estados Unidos, Helen Keller nasceu numa fazenda do Estado de Alabama, e desde a primeira infância conheceu

vacas, burros e cavalos. Êles comiam maçãs da sua mão e nunca lhe fizeram mal. Achando que ela devia conhecer também animais ferozes, sua professôra desde cedo a pôs em contato com os animais de um circo. Helen apertou a mão de um urso, fêz festas a um tigre, foi erguida para apalpar as orelhas de uma girafa. Incitava os elefantes a enrolarem a tromba em tórno de seu pescoço e enormes cobras se enroscaram no seu corpo. Em parte por êsse motivo, cresceu sem mêdo e assim se manteve física e moralmente.

O mundo em que vive Helen Keller é feito de sensações tácteis, vazio de côres e sons, e ela tem escrito muita coisa sôbre a mão pela qual vive e que ocupa o lugar da vista e do ouvido dos outros. Ela tem "dez olhos para a escultura", disse o Professor Gaetano Salvemini quando, em 1950, Helen Keller visitou Florença e êle lhe proporcionou a ocasião de ver os túmulos dos Médicis, de Miguel Ângelo, e a escultura de Donatello, no Bargello. Salvemini fêz instalar andaimes móveis para que ela pudesse passar as mãos pelas cabeças dos Médicis e de São João Batista, pela figuras da Noite e do Dia e da Madona e o Menino. O escultor Jo Davidson, que estava presente, declarou que nunca vira aquelas esculturas como quando observou as mãos de Helen passando por cima das formas.

Explorando o rosto de amigos e pessoas que acabam de lhe ser apresentadas, elas os lê como uma vidente

e sabe distinguir sotaques regionais que nunca ouviu, tocando a garganta das pessoas enquanto falam. Diz que é tão fácil reconhecer mãos como rostos e que as mãos revelam mais claramente os segredos do caráter. Na sua terra de escuridão e silêncio, sabe sentir com as próprias mãos o belo, o forte, o fraco, o cômico. Pelas mãos sabe se as pessoas têm caráter forte ou se têm apenas "sangue de barata".

Como foram eliminados dois de seus sentidos, a natureza aumentou os três sentidos restantes, não só o do tato, mas também o do gôsto e o do olfato. Conta ela no seu "*Diário*" que em Londres, transpondo um portão, percebeu imediatamente, pelo cheiro de fôlhas queimadas e pelo cheiro da erva, que estava em Green Park, e diz que sempre distingue a Quinta Avenida das ruas mais humildes de Nova York pelos cheiros que vêm das portas quando passa. Sabe os cosméticos que as mulheres usam e a qualidade do café que torram em casa, se usam velas e se queimam carvão ou lenha. "Que lindos lilases brancos!" exclama ela, sabendo que são brancos pelo tato ou pelo cheiro, pois tanto na consistência como no perfume os lilases brancos são diferentes dos roxos.

Helen Keller, que não ouve vozes, sente vibrações. Quando uma orquestra toca, ela acompanha as ondas musicais. Percebendo na sua mesa de trabalho, no andar de cima, a vibração da campainha da copa embaixo, ela responde com um arrastar de pés:

Carlos Lacerda disse sobre Helen Keller:

ELA veio para trazer ao mundo exemplo e consolação. Para ensinar o cego a ver o que não vemos nós, os que desperdiçamos olhos. Para que ouça o surdo as vibrações de que se desapercebem os ouvidos distraídos, que tudo recolhem e nada gravam. Para que o mundo venha anunciar a cessação de todo som humano em sua bôca e articule a certeza da ressurreição da voz humana em seu humano peito.

—*Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro

“Já vou!” Diz ela que, “escutando” com os pés, numa sala de jantar de hotel, percebe a disposição e o caráter das pessoas que passam e sabe se são firmes ou indecisas, ativas ou preguiçosas, descuidadas, tímidas, cansadas, zangadas ou tristes.

Tudo isso deu motivo, nos tempos de sua juventude, a lendas sobre uma “menina prodígio” que sempre a aborreceram, pois Helen Keller é a personificação do humor e do simples bom senso. Anne Sullivan deu-se a grandes trabalhos para evitar que ela fôsse considerada um prodígio, mas era impossível esconder que tinha uma inteligência notável e uma vontade ainda mais notável. Falando sobre o assunto, uma amiga disse que ela provava que a vontade humana tinha “um poder quase ilimitado”.

Nada poderia ser mais tônico do que a educação de Helen Keller sob a orientação de Anne Sullivan, na fazenda de Alabama. As duas liam e estudavam ao ar livre, à margem do rio, na mata, nos campos e, lembra

Helen, à sombra de um pé de tulipa silvestre. O perfume das mimosas, dos pinheiros e das uvas se misturou a tôdas as suas lições da infância. Aprendeu coisas sobre o sol e a chuva, como os pássaros faziam seus ninhos, sobre esquilos, sapos, flôres silvestres, coelhos e insetos, e, lembra ela, tudo o que cantava ou floria, chilreava ou

zumbia, fêz parte da sua educação.

Foi Anne Sullivan quem inventou os processos de ligar um espírito a outro, graças aos quais, naturalmente, tudo isso se tornou possível... uma coisa que parecia “sobre-humana”, segundo observou Einstein.

Que dizer de uma inteligência com tantas desvantagens como a sua, que a levou tão longe, em tantas direções? Logo aprendeu Geografia por meio de mapas que a professôra fazia de barro ou de areia, sentindo montanhas e vales e seguindo o curso dos rios. Aos 18 anos, se não tinha ainda dominado completamente essas matérias, ao menos aprendera muita coisa sobre Geometria, Álgebra, Física, Botânica, Zoologia e Filosofia. Escrevia cartas bem redigidas em francês; mais tarde aprendeu a falar alemão. Quando foi para a universidade, já lia também latim. Embora não pudesse ouvir as aulas, nem tomar notas, diplomou-se com distinção no Radcliffe College (a seção feminina da Universidade de Harvard para

alunas sem diploma superior) onde escreveu a sua autobiografia na classe de Charles Copeland. Êste declarou que ela mostrou que podia escrever melhor, em alguns de seus estudos, do que qualquer outro homem ou mulher que êle já tivera como aluno.

Poucos dos livros necessários para o curso estavam impressos para os cegos, e era preciso soletrar livros inteiros na sua mão. Sempre examinando, observando, refletindo, cercada de sombras e silêncio, ela escreveu que achava música e claridade dentro de si mesma. Por todos os seus pensamentos perpassava o que ela supunha ser côr. A par de suas qualidades naturais de bravura, energia e tenacidade, ela era dotada de espírito prático e de uma inteligência independente. Cresceu gostando de esportes, andando a cavalo e de bicicleta dupla, jogando cartas e xadrez e quase completamente confiante em si mesma.

Em *Midstream*, ela escreveu que lera tantas vêzes a sua Bíblia em Braille que, em muitos lugares, os pontinhos haviam desaparecido. "A Bíblia", disse ela, "é o único livro que explica os tempos em que vivemos. Fala com sabedoria sobre o sol, o céu, o mar e a beleza das estrêlas distantes... Não há diferenças entre os homens. As diferenças são apenas como a variação das sombras projetadas pelo sol."

Helen Keller tornou-se cidadã do mundo. Nas suas *tournées* pelos seis continentes para ajudar os cegos, leu em todos os países os sinais dos tempos. Compreendeu o Japão e a Grécia

e talvez particularmente as terras bíblicas, onde fêz conferências em universidades, desde o Cairo até Jerusalém, e onde iam surgindo à sua passagem novas escolas para os cegos. Esforçando-se por alcançar o espírito de homens de todos os tipos e classes, ela compreende suas necessidades e aspirações, e é assim um verdadeiro porta-voz da sua terra de múltiplas raças, que já é o vestíbulo do "mundo único" do futuro.

Ora acontece que, vivendo eu em Connecticut, não muito longe de Helen Keller, tomei algumas notas sobre ela nos últimos anos, assentando observações que fêz ao acaso, bem como fatos e comentários que de vez em quando ela sugere. Transcrevo aqui algumas dessas notas, tal como foram tomadas:

Julho de 1945: Hoje Helen andou colhendo amoras silvestres. Só de tocá-las sabe quando estão maduras.

As passagens e o jardim de sua casa estão sempre tão bem tratados que eu os elogiei com entusiasmo. É Helen quem cuida de tudo. No verão, levanta-se todos os dias às cinco horas da manhã, aparando a grama da entrada e das passagens e arrancando as ervas daninhas dos canteiros de flôres. (Distingue pelo tato as ervas das flôres.)

Jantei com Helen e Salvemini na casa do Professor Robert Pfeiffer. A Sr.^a Pfeiffer, que é natural de Florença, tocou uma canção italiana. Helen, de pé, colocou a mão esquerda sobre o piano, marcando o compasso com a direita. Dessa maneira conhece de cor a *Nona Sinfonia* de Beethoven e reconhece muitas outras músicas.

Alguém lhe perguntou como sabe a diferença entre o dia e a noite.

—Oh!—respondeu ela—de dia o ar é mais leve, os perfumes são mais ligeiros e há mais movimento e vibração na atmosfera. De noite o ar é denso e sente-se menos movimento nas coisas.

Setembro de 1945: Fomos de ônibus até à Estação Grand Central de Nova York. Helen gosta de sentir a multidão em torno de si. De repente observou:

—Há um pintor neste ônibus.

Olhei em torno e de fato havia um pintor de paredes no outro extremo do ônibus, a uns seis metros de distância.

Outubro de 1949: Helen vem jantar. Um de nossos amigos lhe perguntou como foi que ela chegou a compreender as abstrações. Ela respondeu que descobrira que as maçãs boas eram doces e que havia também maçãs ruins, que eram ácidas. Aprendeu depois a pensar em doçura e acidez independentemente das maçãs, como idéias em si.

A verdade é que Helen tem um espírito filosófico. Conta em *My Religion* que, com cerca de 12 anos, dissera um dia à professora: “Eu já estive em Atenas.” Referia-se, naturalmente, a uma visita imaginária, pois andara lendo sobre a Grécia, mas convém observar o que ocorreu em seu pensamento. Ela percebeu instantaneamente que a “realidade” do seu espírito independia das condições de lugar e corpo e que ela vira e sentira vividamente um lugar a milhares de quilômetros de distância, justamente porque possuía mente. De que outra maneira se poderia explicar esse “já estive em Atenas”? E continua: “Daquele momento em diante, a surdez e a cegueira deixaram de ter verdadeira importância. Deviam ser relegadas para o círculo exterior da minha vida.”

Dezembro de 1951: Em geral, a dactilografia de Helen é como a de uma perfeita secretária, mas um dia saíram algumas linhas um pouco apagadas em uma de suas cartas e ela acrescentou o seguinte pós-escrito: “Polly (Polly Thomson, a sucessora de Anne Sullivan) diz que os tipos desta máquina não estão bons. Minhas desculpas. H. K.”

Polly gosta de implicar com ela, e, às vezes, é severa. Se Helen faz um erro de dactilografia, Polly a obriga a copiar a página de novo. Devo acrescentar, como todos os seus amigos sabem, que Polly é, à sua maneira, uma pessoa tão extraordinária como Helen. Sem a sua vitalidade e o seu sentido diplomático, que faria Helen nas suas viagens pelo mundo? E que inesgotável animação têm as duas! Já as vi num trem noturno, quando todo mundo dormia, rindo e tagarelando como passarinhos num galho ao amanhecer.

Junho de 1953: Helen faz hoje 73 anos. Esta semana, ela voltou de uma visita de dois meses à América do Sul. Como é variado o seu espírito! Ela se interessa por tudo. Falou-me sobre as danças de La Argentina, embora eu não consiga imaginar como foi que as concebeu tão bem. E como são felizes as frases que lhe vêm à cabeça! Umhas crianças soletraram palavras na sua mão e ela disse que seus dedinhos eram como “florzinhas silvestres da conversa.”

Na minha opinião, foi o filósofo William James quem disse a última palavra sobre Helen Keller quando escreveu: “Em resumo, você é uma *bênção* . . .”—julgamento que tem sido ratificado em centenas de hospitais do mundo inteiro, onde só lhe tem faltado ressuscitar os mortos.

Algum dia se contarão histórias de milagres que ela realizou, ou de casos que poderiam passar por milagres em épocas menos cépticas do que a

nossa, casos em que cegos abriram os olhos interiores e viram a vida pela primeira vez depois que Helen Keller passeou e conversou com êles.

Cinza em Ouro

EM WAYNE, Estado da Pensilvânia, quando terminou a época de cortar a grama e varrer as fôlhas sêcas, Skeety Stine, garôto de 11 anos que resolvera ganhar dinheiro para comprar uma bicicleta inglêsa de três velocidades, viu com grande desgosto que ainda estava longe de alcançar seu objetivo. Mas na primeira tarde em que as estradas gelaram, êle acabava de limpar as cinzas da caldeira quando viu um automóvel com as rodas girando no mesmo lugar, tentando subir a ladeira em frente de sua casa. Isso lhe deu uma idéia, e a 23 de dezembro aparecia êste anúncio no jornal de Wayne:

CINZAS—um ótimo presente de Natal para os amigos cujos carros encaham nas estradas geladas. Quinze centavos o saco em North Wayne, 25 centavos fora. Telefone Wayne 2771.

Skeety vendeu o seu estoque de cinza num instante, sobretudo a gente que procurava um presente original. Assim, em 30 de dezembro êle pôs êste anúncio:

CINZAS—Lastimo não ter podido atender a todos no Natal. Novo sortimento. Leve um saco na mala do seu carro e enfrente o gêlo.

Na manhã do dia 31 desabou sôbre Wayne uma tempestade de neve; as encomendas foram tantas que Skeety teve que andar procurando cinzas pelos quarteirões vizinhos. O anúncio seguinte dizia:

CINZAS—Recebi sete cartas de fregueses agradecidos cujos carros não encalharam na véspera do Ano Novo.

Isso levou um garôto de 16 anos, que morava num bairro novo muito íngreme, a encomendar por telefone 40 sacos. “Por aqui não há nenhuma caldeira a carvão”, explicou êle, “e ninguém consegue tirar o carro desta estrada. Eu posso vender a cinza a 50 centavos o saco.” Outro dos melhores fregueses de Skeety foi um colega seu que comprava a cinza e, nos dias de nevada, vendia-a aos motoristas encalhados na pior ladeira da cidade.

Finalmente, o negócio começou a atrapalhar tanto os estudos de Skeety que a mãe dêle liquidou o assunto com êste anúncio, não muito verídico:

CINZAS—Negócio interrompido momentâneamente. Lucros proporcionaram férias na Flórida. Agradecemos aos fregueses.

Mas a essa altura Skeety e sua irmã já possuíam, com grande orgulho, duas reluzentes bicicletas inglêsas.

—C.P.F

